

A multimodalidade na reportagem impressa

Beatriz Gaydeczka

Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - PR (FAFIUV)
Endereço eletrônico: biagaydeczka@yahoo.com.br

Abstract. *In this article, is presented the characterization of the discursive printed news from the multimodality theory starting from the communicative intention to the production conditions and circulation of this text, as well as is analyzed all the verbal and non-verbal compositional elements, the style, the linguistic elements that operate as promotional for a facilitated and interactive reading. Activities of reading from the specific characteristics of the textual genre are good critical exercises.*

Keywords: *printed news; multimodality; textual genre; reading.*

Resumo: *Neste artigo, apresenta-se a caracterização do gênero discursivo reportagem impressa a partir da teoria da multimodalidade partindo do propósito comunicativo às condições de produção e circulação desse texto, bem como são analisados todos os elementos composicionais verbais e não-verbais, o estilo, os elementos lingüísticos que operam como promotores para uma leitura facilitada e interativa. Atividades de leitura a partir das características específicas dos gêneros textuais são bons exercícios críticos.*

Palavras-chave: *reportagem impressa; multimodalidade; gênero textual; leitura.*

1. Gêneros discursivos multimodais

Sabemos que os gêneros discursivos são produtos de interações sociais vivas, ou seja, enunciados produzidos em situações reais de uso social da língua. Por essa razão, há a necessidade do conhecimento das diferentes características, funções, temáticas, organização e composição dos gêneros para melhor conhecer, compreender e usar a língua.

As reportagens são gêneros multimodais, ou seja, são riquíssimos na utilização de diferentes formas de interação textual, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de leitura de outras linguagens, além da linguagem verbal tradicionalmente considerada na escola. Com as inovações tecnológicas, as reportagens apresentam a escrita de uma forma ousada. E sua forte presença na vida cotidiana está alterando a forma de leitura e de apreensão do conhecimento, pois, as informações são apresentadas de forma sucinta, concisa, associando recursos visuais a textos explicativos. Por esse redimensionamento da leitura na sociedade, a reportagem torna-se um gênero muito interessante para o trabalho em sala de aula porque é um texto sofisticado.

O conceito de multimodalidade nos gêneros discursivos surgiu muito recentemente, há menos de 20 anos. Segundo Mayer (1999), multimodal é o gênero que apresenta a materialização em mais de uma forma: uma apresentação textual que envolva palavras e figuras. Com os avanços da tecnologia, os recursos que se apresentam para a mídia são inúmeros e, por conseguinte, exigem certa aprendizagem multimodal, ou seja, o leitor precisa aprender a ler palavras e imagens

ao mesmo tempo.

O leitor sente-se mais atraído pelas imagens. A questão de como a interação imagem e palavra constitui determinados gêneros, especialmente os midiáticos, vem sendo investigada por pesquisadores da linguagem, tais como Kress (2004) e, aqui no Brasil, Dionísio (2005), entre outros. Nesse contexto, pergunta-se também: “que teorias de leitura serão necessárias para dar conta dos gêneros multimodais?”.

Antes de serem iniciadas as reflexões e apresentados alguns breves fundamentos sobre os aspectos multimodais, é preciso esclarecer que, apesar de Kress e seus seguidores estarem inseridos na perspectiva semiótica de estudos de linguagem, o autor vem mantendo a ênfase na concepção de linguagem como prática social, influenciada pela ideologia e pela cultura. (BALOCCO, 2005)

Por isso, defende a visão semiótico-discursiva da linguagem preocupada em caracterizar o discurso como prática social. Assim, as ações realizadas no mundo ocorrem por meio da linguagem. Como o gênero reportagem é constituído de multimodalidade, achamos conveniente e necessário associar esta perspectiva ao estudo já que a questão da multimodalidade só vem a contribuir com a análise da constituição dos gêneros discursivos.

A multimodalidade configura-se como recursos constitutivos dos textos tanto da oralidade como da escrita. Na oralidade, observamos que para entender um diálogo ou narrativa do dia-a-dia fazem-se necessários gestos e expressões. Na escrita, especialmente na mídia jornalística impressa, usam-se cores, formatos de letras, imagens, fotos para constituírem sentidos tentando representar mesmo que parcialmente as mensagens oriundas de múltiplas fontes.

A contribuição das pesquisas mais recentes é a certeza de que os gêneros discursivos não podem mais ser estudados isoladamente dos aspectos não-verbais que os constituem e funcionam com ancoragem para leituras ideologicamente marcadas, segundo Balocco (2005).

A língua está situada no emaranhado das relações humanas e, ao tentar representar o contexto social, os textos configuram-se de tal forma que

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos *layouts*, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. (DIONÍSIO, 2006, p.131-144)

Observando a trajetória do ensino de língua portuguesa, constatamos que a importância maior era dada à palavra escrita havendo um desprezo das imagens.

Hoje não há como sustentar o ensino de língua sem considerar a presença de outras linguagens nos textos. Certas composições textuais, tais como o cartão postal, por exemplo, só podem ser compreendidas em função da associação de palavras e imagens.

Dionísio (2006), comenta que o letramento visual está diretamente relacionado à organização social das comunidades e, por conseqüência, aos gêneros que nelas circulam. Por

exemplo, gêneros como as reportagens impressas utilizam inúmeros recursos visuais a fim de dinamizar a leitura. Assim, certos fatos e fenômenos se tornam mais fáceis de ser compreendidos graças à utilização de aspectos verbais e gráficos, e a ausência de alguns deles, por menor que seja, afeta a unidade global do texto.

Kress (2004) relata pesquisas desenvolvidas que analisam formas de comunicação que envolvem a ciência escolar. Nessas, imagens são acompanhadas de escrita, procurando entender a relação da imagem-texto com as maneiras de como essas representações auxiliam na compreensão de um conteúdo, fornecendo informações. O autor explica que genericamente imagens sugerem uma relação social sobre o que é reportado, pois, os espectros e cores são visualizados antes das palavras.

Como os gêneros multimodais utilizam-se do fenômeno lingüístico de misturas de gêneros, de uma construção criativa de objetos de linguagem com finalidade comunicativa, há a necessidade de um redirecionamento e uma valorização maior dos textos possuidores dessa característica.

2 O gênero discursivo reportagem impressa e a multimodalidade

O ‘renascimento’ da reportagem deu-se, segundo Lage (2002), a partir do momento em que os escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformar a modalidade da escrita, aproximando-se dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares. Nesse momento, o jornalismo percebeu a importância do desenvolvimento estrutural do trabalho textual a fim de planejar, de estilizar diferenciando um jornal ou uma revista dentre os demais. O modelo do profissional do jornalismo que ficava fechado em salas atrás de máquinas de escrever procurando a melhor expressão para representar um fato havia terminado bem como o modelo de texto que entendia os gêneros jornalísticos como literatura.

Vemos que a relevância do texto impresso ultrapassa os limites da televisão e do rádio, pois, neles a imagem e o som integram-se em movimento; porém, são efêmeros, passam instantaneamente, que algumas vezes, o leitor ou ouvinte mal pode apreender o que foi dito ou apresentado, o que não ocorre com os jornais e revistas, em que os textos e as imagens estão disponíveis pelo tempo que o leitor achar necessário.

Isso se relaciona com uma questão colocada por Lage (2002): a de que a informação deixou de ser apenas ou principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação. A informação materializada nas reportagens tornou-se essencial à vida das pessoas. E o âmbito da informação necessária ampliou-se muito além da capacidade individual de acesso ao homem comum a outras fontes, como textos didáticos e documentos oficiais.

Na reportagem impressa, alguns elementos são imprescindíveis e para reconhecê-la como tal gênero, dentre eles está o título, o subtítulo, foto, desenho, olho, *lead*, boxes. Esses elementos possuem sua importância e função no gênero reportagem impressa. Desta mesma forma, como realizar um trabalho de análise dos aspectos visuais e textuais? Como se dá a relação entre esses elementos a fim de gerar informações? Como as informações são transformadas em texto final?

Sabemos que o texto final a que o leitor tem acesso resulta “de um trabalho coletivo especializado e complexo e que segue padrões previamente estruturados.” (BENTES, 2004, p. 110) Embora saibamos que a reportagem deve ser lida vista em seu todo levando em consideração a relativização da posição de cada elemento no texto, bem como das escolhas, dos estilos utilizados

nas mais variadas revistas. Para responder a essas questões passaremos a definir alguns elementos de análise da reportagem, apontando a sua função e formas de apresentação na reportagem.

2.1. Título, olho, subtítulo, lead, box

Nos *títulos* dados em gêneros jornalísticos, há implícita uma função apelativa com a finalidade de chamar a atenção do leitor e atrair seu olhar, deixando-o decidir o que quer ler e provocando a leitura do texto todo.

Conforme algumas noções estabelecidas por manuais de redação, os títulos de reportagens de jornal devem descrever com precisão um fato, usar verbos expressivos e impactantes, usar tempos presentes. O uso de letras caixa alta se dá somente em casos especiais, não pode haver separação de palavras no fim da linha, dentre muitos outros critérios, de acordo com Martins Filho (1997). Além de esses aspectos darem ao leitor uma imagem da identidade do veículo de informação ou de sua linha de informações, de acordo com Faria (2001).

A *gravata* da reportagem, ou seja, o *subtítulo*, são as linhas colocadas abaixo do título que têm a função de completar o título e de apresentar de maneira resumida o assunto a ser tratado no texto.

O *olho* ocorre como recurso gráfico no qual é retirada uma frase de efeito ou impactante e é colocada em destaque entre aspas dentro de um pequeno boxe ou espaço e em meio às colunas em que são escritas as reportagens.

Tradicionalmente o *lead* “é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, embora possa haver outros *leads* em seu corpo” (LAGE, 1998, p.26). O *lead* é o relato inicial do texto devendo informar o que é mais importante no texto e não o mais interessante.

E outro elemento característico é o *box*, que é uma caixa de texto diferenciada pela cor e ganha destaque por utilizar textos combinados com tabelas, gráficos ou fotos referenciando-se ao assunto.

Além desses elementos, é característico o uso de expressões entre aspas e em itálico; uso de verbos que introduzem falas dos participantes ou de pessoas que têm autoridade em falar a respeito das temáticas tratadas nos textos. Como em revistas, as reportagens são organizadas por temáticas. Obviamente, o vocabulário é adequado ao nível de linguagem de determinada linha do jornal, de forma que os leitores apreendam as principais informações.

Em um texto de reportagem, o trabalho com as fotos é fundamental, pois, agrega valores semânticos e pragmáticos ao texto. Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, as fotos em reportagens são características de jornalismo, pois, as informações são codificadas em linguagem fotográfica, não em linguagem verbal.

Dessa forma, o recurso visual do jornalismo impresso deve ser entendido como complemento e suplemento da informação textual. Recentemente, no jornalismo tornou-se comum o uso de recursos tipográficos e infográficos que estabelecem um diálogo harmonioso com o texto.

A seguir serão apresentadas mais detalhadamente algumas funções lingüísticas, contextuais, extralingüísticas do uso do fotojornalismo, dos infográficos e dos elementos tipográficos.

2.2. Fotojornalismo

A utilização de imagens fotográficas não possui intenções meramente ilustrativas; à medida que foram integradas aos textos jornalísticos tornaram-se indispensáveis à constituição de alguns gêneros, conseqüentemente, às leituras deles decorrentes.

O fotojornalismo “é hoje parte integrante da informação impressa e, como qualquer comunicação pela imagem, exige algum preparo do leitor para a sua leitura crítica.” (FARIA, 2001, p. 218) A foto escolhida para representar a reportagem normalmente vem comentada por uma legenda, assim, ela reflete e interpreta a realidade sob determinado ponto de vista, embora muitas vezes apresente contradição e interesses em determinados pontos de vista. Ao descrever uma foto, uma legenda poderá ter a propriedade de justificativa, de confirmação da autenticidade do fato ou informação apresentada visualmente.

De acordo com Discini (2005), para a concepção de fotografia como cópia, a realidade é aceita como discurso e independente do olhar do sujeito que fotografa; já para a concepção de fotografia como representação, a realidade é considerada construção e interpretação do sujeito que fotografa.

Antes de considerar aspectos formais, tais como, planos, linhas dominantes, formas básicas, ritmo, movimento, luz, cor e sombra, o leitor fica motivado por aspectos como carga informativa, espontaneidade e o humor apresentado nas fotos. Assim, o fotojornalismo é narrativa de imagem; no entanto, deve ficar claro que “uma imagem não é realidade, é uma representação, uma construção.” (APARICI apud FARIA, 2001, p. 219). Ou seja, a imagem apresentada é apenas um corte da realidade para compor o texto, ora tenta ser “imparcial” ora, insinuante.

Essa propriedade de instigar, provocar a leitura pela imagem é interessante. A escolha das fotos, muitas vezes, gera construções polêmicas sendo um ótimo pretexto para discussão dos efeitos de sentido implícitos no texto.

2.3. Aspectos tipográficos

A página de um jornal ou de uma revista na diagramação e no projeto gráfico tem como padrão a divisão da página em colunas de texto. Nessa organização, o estabelecimento de número de colunas, a sua disposição na página, a ordem dada aos títulos e às fotos, seguem relações precisas.

Na organização hierárquica de uma página impressa de jornal ou revista [...], um conjunto de forças imprime uma dinâmica que impede a passividade do leitor. A começar pelo manejo de papel que serve de suporte para a mídia impressa. [...] a página impressa nunca se submeteu integralmente a sua natureza bidimensional, desde que se descobriu que a sua disposição gráfica pode contribuir para organizar, dirigir e acrescentar valores às informações do texto. (GUIMARÃES, 2003, p. 66-67)

A diagramação ou a paginação no jornal é o trabalho de organização de forma que o leitor estabeleça diálogos com os elementos que aparecem no texto.

De acordo com Guimarães (2003), muitas vezes, a escrita tipográfica de um título pode ser tão personalizada quanto a linguagem oral e estas transmitem muito mais do que a própria seqüência do texto. As marcas tipográficas dão ênfase ao texto havendo situações em que se aproximam informações graficamente “sussurradas” exigindo mais atenção, e afastando das informações “gritadas” e que chegam impositivamente aos olhos.

A importância do aspecto visível de cada um desses elementos define a ordem na seqüência de leitura, temos um esquema de leitura representado na figura 1, produzida por Guimarães (2003, p.70):



Figura 1. Seqüência de planos de percepção de uma dupla de páginas de revista.

O autor trabalha a seqüência de leitura, que de modo geral, é a que uma pessoa utiliza para realizar uma leitura com o plano de título, plano de fotos, plano de elementos gráficos e de cor, plano de texto e por fim o suporte (papel).

É claro que o direcionamento do olhar do leitor terá relação com a configuração de cada elemento. Nessa constituição, cada elemento terá a sua carga de informação.

2.4. Infográficos

O infográfico, como o próprio nome diz, é recurso gráfico (não-verbal) agregado à informação (verbal) que se refere à imagem apresentada.

É um recurso textual criado com a função de instruir o leitor. Esse recurso textual apresenta de forma prática e didática conhecimentos técnicos, científicos e organizacionais, como, por exemplo, procedimentos científicos, etapas de evolução de doenças, de funcionamento de equipamento tecnológico, de organização de grupos sociais, mapeamento de lugares e fenômenos naturais, entre outros.

Um infográfico é constituído de representações visuais e escritas em um conjunto gráfico. Os textos escritos tratam de explicações, justificativas e descrições dos elementos figurativos. A utilização de infográficos normalmente ocorre em reportagens voltadas a temáticas científicas, na tentativa de explicar o aspecto tridimensional de um objeto, ou coisas muito pequenas que fogem da capacidade humana de visualização como – uma célula, um vírus, uma molécula, um átomo – ou coisas muito grandes – um furacão, uma onda gigante, o funcionamento do tráfico

numa favela, a organização de um *pit-stop* na fórmula um, os efeitos da poluição na camada de ozônio e outros exemplos. Sabemos que:

Imagens científicas não têm o objetivo de registrar o visível, mas de torná-lo visível. Isto vale tanto para uma ampliação ordinária como para um milagre do microscópio eletrônico, que tem ajudado os cientistas a resolver tantas questões – supondo sempre que não são conhecidas as especificações do instrumento, a magnitude de sua ampliação, redução, etc. (GOMBRICH apud GUIMARÃES, 2003, p. 80)

Muitas vezes, um infográfico utilizado especificamente na área científica é utilizado para reportar um assunto, em um jornal ou revista; porém, a capacidade de leitura de uma pessoa comum será diferente da de um especialista no assunto. Por exemplo, uma imagem de microscópio altamente colorida, embora para o leitor comum não passe de um recurso ilustrativo, para um cientista possuirá uma carga de informação muito ampla.

De acordo com Guimarães (2003), certos elementos e objetos já possuem uma identidade visual própria (países, bandeiras, empresas, partidos políticos, escolas de samba, times de futebol) sendo conseqüentemente vinculadas a determinados conjuntos de cores. Nessa situação, é comum a mídia impressa organizar a informação desses objetos a partir da identidade visual coordenada.

Como podemos observar, esses recursos existentes em gêneros jornalísticos não têm objetivo meramente ilustrativo; tornam-se informações, completam informações difíceis de serem exemplificadas apenas com recursos verbais.

Os recursos tecnológicos da computação gráfica estão a serviço da inserção de elementos verbais e visuais de forma coesa e integrada, formando unidade de sentido. De acordo com Dionísio (2005), a importância desse recurso está na suficiência; uma imagem empregada sozinha seria ineficaz, insuficiente; um texto com explicações científicas poderia ser considerado chato demais para ser lido; assim, imagem e texto fundem-se a fim de se obter a completude na leitura de informações.

3. Considerações finais

A percepção da relevância do conhecimento de características multimodais dos diversos gêneros discursivos ainda é carente de informações para os professores desenvolverem seu trabalho voltado a essa nova natureza configurativa dos textos. O domínio de conhecimento e trabalho com os gêneros discursivos não pode ficar restrito ao trabalho com os elementos textuais gramaticais e de conteúdo temático do texto.

O tratamento com o texto na sala de aula exige que todos os domínios envolvidos na constituição do gênero discursivo – domínios sociais de produção, de circulação e recepção, domínios semânticos, semióticos e pragmáticos – sejam estudados a fim de que as atividades de leitura proporcionem condições para que os alunos compreendam, especificamente no caso da reportagem, que: o emprego de imagens, fotos, tipografia e infografia não são meramente ilustrativos, mas elementos que possuem carga informativa muito mais ampla que o texto verbal somente, pois, em sua função multimodal, a articulação integrada de formas, cores e texto são suficientes para fazer o leitor compreender fenômenos de forma crítica.

As expectativas são de que os resultados desse estudo possam despertar análises tanto

para que o professor de uma maneira autônoma desenvolva projetos de leitura, e em consequência de um bom trabalho de leitura, a produção escrita de reportagens em revistas produzidas pelos alunos.

Referências

- BALOCCO, Anna E. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como recurso representacional. *In: MEURER, José L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.) Gêneros: teorias, métodos e debates.* São Paulo: Parábola editorial, 2005.
- BENTES, Anna C. *Linguagem: práticas de leitura e escrita, volume 2.* São Paulo: Global: Ação Educativa, 2004.
- DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.
- DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos.* São Paulo: Contexto, 2005.
- FARIA, Maria A. A leitura do jornal e do fotojornalismo. *In: MARINHO, M. (Org.) Ler e navegar.* Campinas: Mercado de Letras: ALB, 2001. p. 215-236.
- GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo.* São Paulo: Annablume, 2003.
- KRESS, G. Multimodality, multimedia, and genre. *In: HANDA, C. (Org.) Visual rhetoric in a digital world.* Boston/New York: Bedford/St. Martin's, 2004. p. 38-54.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.* 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.
- _____. *Estrutura da notícia.* 4.ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MARTINS, F. *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo.* São Paulo: Moderna, 1997.
- MAYER, Richard. *Multimedia learning.* Cambridge: Cambridge University Press, [s.d.].